



XV JORNADA CIENTÍFICA DOS CAMPOS GERAIS

Ponta Grossa, 25 a 27 de outubro de 2017

Semiótica Fragmentada

“A construção semiótica do herói de Odisseu a Steven Universo”

Erickson Adriano Nunes Alves
Batista¹
Suzimara Ferreira de Souza²
Donizeti Pessi³

Resumo: *O presente resumo trata da análise de imagens a respeito da leitura da obra grega Odisséia de Homero, focando na figura de herói do Odisseu, comparando-a ao novo herói, no desenho animado, Steven Quartz Universo. Busca-se, ainda, vinculá-las, porém, de modo a reconstruir a personagem que possuía a virtude da coragem – Odisseu –, bem como à personagem reconhecida pela virtude da empatia – Steven –, a partir das ideias de Roland Barthes e das propostas semióticas de Charles Sanders Peirce.*

Palavras-chave: Semiótica. Figura heróica. Barthes. Steven. Odisseu.

Introdução

Sabe-se que a figura do herói sempre se encontrou presente no cotidiano, tanto na literatura, quanto nos filmes, nas séries, nas histórias em quadrinhos e outros e outros gêneros. Nesse trabalho se propõe analisar a figura do herói a partir semiótica; fazendo uma (re)construção de duas figuras que serão apresentadas no decorrer deste trabalho – idealizado dentro dos grupos de extensão da Faculdade Sant’Ana, no Curso de Licenciatura em, são eles: Filosofia e Literatura (Coordenado pelo Prof. Donizeti Pessi e Fragmentos em Conexão (Coordenado pela Profa Suzimara Ferreira de Souza).

Semiótica Fragmentada: “A construção semiótica do herói de Odisseu a Steven Universo”

O herói é usado como figura ficcional mitológica definida dentro de atos de salvação e resgate ou também vindo do divino, atualmente fabricados pela mídia inclusive até dentro da esportiva ou literária e também jornalística é marcado pelo feito prático ou realizado, ou seja, um ato consideravelmente heroico a imagem do herói se encontra cotidianamente, como uma figura humana ou até mesmo não humanas na dentro da arte como um retrato de ideal.

O herói, em si, a rigor, por sua ambiguidade grave, por sua profunda humanidade, nos lembra o célebre personagem de Conrad ‘Lord Jim’, ator atormentado do romance de mesmo nome (BRUNORO, 1977, p. 27).

¹ Acadêmico do quarto período do Curso de Licenciatura em Filosofia, erichsonb19@gmail.com

² Orientadora. Profa do Curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade Sant’Ana, suziferr@gmail.com

³ Coorientador. Professor do Curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade Sant’Ana, prof.donizeti@iessa.edu.br

A arte cinematográfica e o espectador como apreciador, a sua relação com a arte vem como a ato de cultivar e por conseguinte talvez conseguir se esclarecer, nesta associação, a expressão do ouvinte ou espectador, no cumprimento dentro desta relação.

[...] o mito é um sistema de comunicação, é uma mensagem. Eis por que não poderia ser um objeto, um conceito, ou uma idéia (...) Será necessário, mais tarde, impor a esta forma limites históricos, condições de funcionamento, investir nela a sociedade: isso não impede que seja necessário descrevê-la de início como uma forma. (BARTHES, 2001, 131)

A análise discursiva, a partir da interpretação que o signo sempre se torna, uma questão de tratado cultural e também histórico a linguagem se torna meio da discussão.

o signo saudável é aquele que chama a atenção para a sua própria arbitrariedade – aquele que não tenta fazer-se passar por “natural”, mas que, no momento mesmo de transmitir um significado, comunica também alguma coisa de sua própria condição relativa e artificial. Em sua obra inicial, o impulso que está por trás dessa convicção é político: o signo que se pretende natural, que se oferece com uma única maneira concebível de ver o mundo. (EAGLETON, 2006, p.203).

A Interlocução entre imagens não se determina apenas restritamente aos elementos presentes na foto ou imagem as possibilidades de diálogo sugeridos se situam numa forma amplamente, na circulação de imagens incluído os objetos imagéticos que não estão necessariamente presente na imagem.

Toda imagem, por sua vez, nos faz pensar e sempre nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de real para roer, ora uma faísca de imaginário para sonhar (SAMAIN e BRUNO, 2006:29, grifos no original).

O trabalho e a linguagem corporal é aquela que leva o homem cotidiano a um corpo dedicado, ao espetáculo além do cotidiano, criar um comparecimento na cena, ou seja, seu final sentido é de criar novas e possíveis possibilidades, de ações físicas que vão para além do cotidiano. Durante a constituição física o personagem trabalha principalmente corporal.

Se compreendermos que esse sujeito extracotidiano é progressivamente construído pelo processo de diferenciação de um sujeito cotidiano, então, compreendemos que não há um início absoluto nesse processo (..) seria, então, o trabalho do ator um desenvolvimento dependente de estruturas e capacidades já constituídas pelo sujeito cotidiano que, embora em continuidade funcional, ou seja funcionando da mesma maneira como o cotidiano, rompe os modos de agir e pensar, para constituir modos singulares de presença, de consciência e de apropriação de si mesmo. (FERRACINI, 2001:29).

O signo é algo que representa alguma coisa para alguém ou algum, é exposto por alguém, quando se refere a um objeto. Para Peirce os signos como eu, tu, ele se

tornaram desenvolvidos pela gramática da modernidade, como signos que são expostos substituindo nomes próprios o autor justifica muito bem, ou seja as coisas apontam as coisas de maneira mais direta e provável. P.122

Da empatia de Steven Universo A Coragem de Odisseu

Numa análise de imagens com trecho do livro com base no desenho animado Steven Universe de Rebecca Sugar ao qual se mostra a coragem⁴ presente em Odisseu e a empatia do personagem Steven.

Comprovada na citação a um trecho do livro Odisseia Homero.

Odisseu de sua parte, subindo do porto por uma áspera senda, internou-se pela região selvosa. [...]. Odisseu quem mais zelava pelo seu sustento (ODISSEU 1968 P.161)

A personagem Steven universo desde o princípio foi considerado um herói diferente. Sendo destacado por diferentes características seu super poder é raro a empatia.

Empatia é definida como a resposta emocional a qual deriva a percepção do estado ou condição de uma segunda pessoa, sendo concordante com essa situação (Eisenberg & Strayer, 1987).

Na cena inicial da primeira temporada - Episódio 23 : Amigo Monstro, a personagem a criatura e na mesma cena o Steven sente o mesmo quando vê o braço da criatura no chão ele, segura seu próprio braço.

Considerações finais

Numa análise geral destacando a importância da linguagem pode-se notar que a figura heroica vem se reconstruindo dentro da perspectiva literária. Os novos personagens estão sendo inovados cada vez mais, o Steven é apenas uma parte a se observar em novas séries, notícias. Estes, estão cada vez mais desconstruídos. Os primeiros personagens eram conhecidos por feitos de coragem, os novos heróis são construídos de forma diversificada, vão mudando e se diversificando no decorrer dos tempos.

⁴ O conceito para coragem (sinônimo de bravura) utilizado neste resumo é o definido por Aristóteles. “Coragem vem do latim cor que significa coração. Assim é, porque os romanos consideravam que a coragem tem mais a ver com o coração do que com a razão. É uma força, uma força da alma, uma das quatro virtudes cardinais. É um poder de acção física e moral. Uma causa agente que produz um efeito. É uma energia física e moral. A coragem é o mesmo que a bravura e a firmeza. O seu contrário é a cobardia, a poltronaria, a fraqueza e a pusilanimidade” Ramiro Marques.

Referências:

BARTHES, Roland. O Mito, Hoje. In: BARTHES, Roland. Mitologias. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 129-178.

BRUNO, Fabiana e SAMAIN, Etienne. **Imagens de Velhice, Imagens da Infância:** formas que se pensam. Cad. Cedes vol. 26, nº 68, Campinas-SP, jan./abr. 2006, pp.21-38.

BRUNORO, G. (1977). **Corto Maltese ou la noblesse de l'aventure. In Les cahiers de la bande dessinée 32.** Grenoble: Jacques Glénat (Dossier Hugo Pratt)

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução.** Trad.: Waltensir Dutra, 6ªed, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EISENBERG, N. & STRAYER, J. (1987). Critical issues in the study of empathy. In N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.), **Empathy and its development** (pp. 3- 13). Cambridge: Cambridge University Press

FERRACINI, Renato. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator.** Campinas SP. Editora Unicamp, 2001.

LANGER, S. **Filosofia em nova chave.** 2. ed. Trad.: Janete Meiches e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004

MARQUES, Ramiro. **A Coragem em Aristóteles.** Disponível em: http://embaixadoresdaprevencao.com.br/gerenciador/uploads/arquivos/arquivo_36.pdf. Acessado em 03 de outubro.

PEIRCE, C. S. (1972). **Semiótica e filosofia.** Trad.: Octammy Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, p.122